

novas da galiza

número 10

- ▶ Plataforma contra a Via Rápida do Morraço julga ilegal o projecto
- ▶ Cara umha Lei Galega contra a Violência de Género
- ▶ Suspendem juízo contra um grevista detido no 15-J
- ▶ Organizações nacionalistas homenageiam combatentes
- ▶ PP ameaça explorações agrícolas familiares

A geração do português galego

Artigo de Opinião de Vitor Meirinho

nh



A DROGA QUE FINANCIOU O PARTIDO POPULAR

- ▶ Mariano Rajoy reunia-se com "capos" sendo presidente do Partido em Ponte Vedra
- ▶ Militante do PP responsável polo contrabando de umha tonelada de cocaína
- ▶ Grandes bancos amigos dos narcotraficantes galegos

O Partido Popular recebeu para o tesouro do partido umha quantidade de próxima dos mil milhões de pesetas procedentes dos donativos que narcotraficantes e contrabandistas da Galiza fizéron durante anos. Alguns destes contribuintes fôrom personagens sobejamente conhecidas como Vicente Otero "Terito", José Ramón Barral "Nené", Luis Falcón "Falconetti", José Manuel Prado Bugallo "Sito

Miñanco", Manuel Ferrazo, Marcial Dorado, Manuel Carballo Jueguen, Manuel Nieto ou José Luis Vilela. Ainda que as operações venham de antigo –desde a Alianza Popular de Manuel Fraga–, o PP de Mariano Rajoy continua a fazer vista grossa ao caso e permite que alguns destes "capos" utilizem mesmo as instituições públicas para branquear o dinheiro.

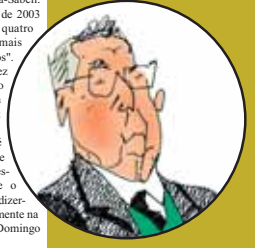
Notas acerca do desemprego e da contratação

Segundo a EPA, no segundo trimestre do ano 2003 havia na Galiza 148.700 desempregados e desempregadas. Certamente, este dado confirma que o desemprego desceu em 12.700 pessoas em relação ao trimestre anterior. Ora bem, tal e como recomenda a própria EPA, para valorar a evolução do desemprego, nom se devem comparar os dados de um trimestre com os do trimestre anterior, porém, o adequado será confrontá-los com os do mesmo trimestre do ano precedente. A razão desta forma de operar é eliminar os efeitos estacionais da evolução do des-

emprego, como por exemplo, o conhecido efeito da redução do desemprego a conseqüência do auge da ocupação no sector serviços (e, sobretudo, nos serviços associados ao turismo), auge que é especialmente intenso no segundo e no terceiro trimestre de cada ano. Pois bem, se confrontamos a informação do segundo trimestre de 2003 com a do segundo trimestre de 2002, temos que na Galiza há mais 5.200 desempregados e desempregadas, o que nos leva a afirmar que o nosso mercado laboral evoluiu negativamente no último ano.

O sequestrador arrependido

No passado dia 28 de Agosto falecia em Compostela Raimundo García Domínguez "Borobo" aos 87 anos de idade. Pouco antes, no dia 5 de Agosto já falecera na Corunha, com 93 anos, Domingo García-Sabell. No mesmo mês de Agosto de 2003 deixaram-nos dois dos quatro autores do "sequestro mais longo de todos os tempos": Roxélio Pérez González "Roxerías", "o inxel curmao de M-A", já morrera em 1963. Máximo Rodríguez Buján "Máximo Sar" (Padrom, 18-10- 1922) é pois o único sobrevivente dos quatro autores do sequestro de Manoel-António e o único que ainda poderia dizer-nos o que aconteceu exactamente na manhã daquele "fatídico Domingo 15 de Abril de 1956"



segunda

novas da
galiza

Editora: Minho Média S.L.

Director: Ramon Gonçalves.

Redacção: Marta Salgueiro, Carlos B.G., J.Manuel Lopes, Antom Álvarez, Miguel García, Joám Evans, Tiago Peres.

Correspondentes: *Compostela*, Ugo Caamaño / *Vigo*, Xiana González / *Ponte-Véda*, Alvaro Franco / *Lugo*, Joám Bagaria / *Corunha*, Armando Ribadulla / *Ourense*, Tiago Peres / *Barbaña*, Joám Evans / *Marinha*, André Outeiro / *Paris*, J.Irazola / *Madrid*, José R.Rodríguez

Colaboradores: Xurxo Souto, Maurício Castro, Tomé Martins, Xesus Serrano, Manuel Andrade, José R.Pichel, Antom García Matos, Xabier Lago Mestre, A Gente da Barreira, Eduardo Sanches, Ignacio Ramonet, Santiago Alba, Ramón Chao.

Fotografia: Borxa Vilas, Rosa Veiga, Miguel García, Arquivo NGZ.

Humor Gráfico: Suso Sanmartin, Pestinho +1.

Publicidade: Tiago Peres.

Imagem corporativa: Paulo Rico

Maquetación: Carlos BG / Miguel García

Correcção lingüística: Eduardo Sanches Maragoto.

NOVAS DA GALIZA
Apartado dos correios 1069
27080 Lugo, Galiza.
Tel: 639 146 523
novasgz@novasgz.com

As opiniões expressas nos artigos non representam necessariamente a posición do jornal

Os artigos som de livre reprodución respectando a ortografía e citando procedencia. É prohibida outro tipo de reprodución sem autorización expresa do grupo editor.

Fecha de Edición: 15.09.03

A geração do português galego

Vítor Meirinho

Desde que as normas ortográficas do galego-português promovidas pelas instituições autonómicas da Galiza (as «Normas ortográficas e morfológicas» do Instituto da Língua Galega e da Real Academia Galega) estiveram em vigor, o reintegracionismo teve geralmente uma concepção das mesmas como simples instrumento de desgaleguização (deslusificação) da língua do País, como quinta coluna do assimilacionismo castelhanu-espanhol.

Não vou considerar a correção ou incorrecção, total ou parcial, desta análise. Destaco apenas que uma análise como esta não deixa de ser correlativa com uma determinada estratégia de proselitismo social em favor da língua; estratégia que tem pouco a ver com o gradualismo reformista e sim, porém, mais a ver com planos de acção social para os quais talvez tenhamos que reconhecer que não estávamos no lugar ajeitado.

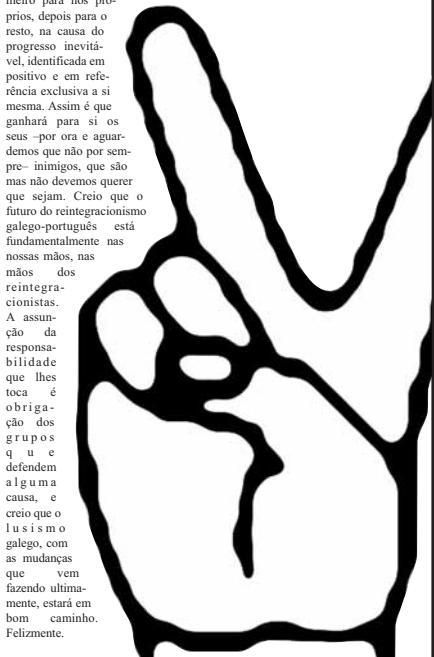
Seja como for, parece-me que a reforma há pouco aprovada podia merciedamente ser motivo para os reintegracionistas fazermos publicidade de nós mesmos. Acho isto ao pensar num facto importantíssimo sem o qual esta reforma não se teria feito: a existência do reintegracionismo. Quer queiram quer não, a reforma aproxima as normas autonómicas dos padrões brasileiro e português, e significam uma concessão — embora pequena — de razão ao lusismo.

Que isto não seja dito assim do lado do conflito lingüístico em que militamos talvez se deva às particulares circunstâncias de desenvolvimento social do reintegracionismo. Participa-se bastante — ainda — da mentalidade que tem assinalado para caracterizar o regeneracionismo espanhol dos finais do século XIX e inícios do XX. Este movimento acreditava — tal como o reintegracionismo galego esteve acreditando até hoje — que o melhor para solucionar os graves problemas do país era declamar contra eles com uma retórica propositadamente carregada de negativismo e de catastrofismos, e ao tempo purista na crítica. Esperava-se com isto provocar na sociedade um tal alarme, uma tal consciência da calamidade colectiva, que a própria sociedade gerasse uma reacção de orgulho ferido que regenerasse o país. Na verdade, esta pretensão dizia pouco sobre a inteligência estratégica dos regeneracionistas e muito sobre a classe social a que pertenciam: intelectual e funcionária, pouco tendente à efi-

ciência prática. No final do caminho histórico, o fruto do regeneracionismo esteve na polarização social que gerou na questão nacional espanhola, e não em que os regeneracionistas conseguissem realmente o seu propósito.

Acho que o exemplo deveria servir de reflexão para o reintegracionismo. Embora nos possa parecer pouco nobre, a história demonstra que a adesão popular às causas que os pequenos grupos levantam não foi causada porque o comum do povo quisesse servir sofredores entregues a lutas cujo estandarte principal fosse o laio, mas porque nesse apoio a gente achava motivos de orgulho e de comunhão formosa com os demais. Precisa-se sobretudo de que o lusismo se convirta, primeiro para nós próprios,

Precisa-se sobretudo de que o lusismo se convirta, primeiro para nós próprios, depois para o resto, na causa do progresso inevitável, identificada em positivo e em referência exclusiva a si mesma.



sumário

A droga que financiou o Partido Popular

Novas da Galiza descobre as aportacións do narcotráfico á dereita española, assim como a relación dos principais "capos" com dirixentes do PP



Notas acerca do desemprego e da contratación

A economista Rosa Verdugo achega-nos á situación actual do mercado laboral galego.

Os seqüestradores de Manuel Antón

NGZ indaga nas chaves do seqüestro da obra do poeta galego Manuel Antón, denunciando as responsabilidades aínda nom depuradas



Reflexons desde a música galega

Os nosos colaboradores habituais trasladam-nos na sección musical deste número as principais reflexons realizadas desde dentro dos propios grupos

editorial

Política e narcotráfico

É já quase um tópico afirmar que, no sistema socioeconómico em que vivemos, a política convencional costuma funcionar como umha prolongaçom sem cesuras dos intereses, nomeadamente económicos, dos sectores mais poderosos que manobram na sombra. Tópico que, por simples, nom deixa de conter umha carga de verdade que a própria gente comum certifica dia-a-dia. Quem nom ouviu falar reiteradamente na rua da condiçom corrupta dos políticos, da sua ausência de ética, do predomínio absoluto do "tudo serve" ou do "salve-se quem puder". NovasGZ debruça-se este mês sobre tam conhecido tema, mas fai-o para materializá-lo e fazê-lo palpável em dados, nomes e factos. Assim, aprofundando nas páginas centrais na questom do narcotráfico, refugia voluntariamente o tópico espanhol sobre os "traficantes galegos", esse que associa as nossas rias com un viveiro indiscriminado de delinqüência organizada que amide é apresentado, roçando o racismo, como "idiosincrasia nacional". Com os dados oferecidos e convenientemente sistematizados polos nosos e polas nosas jornalistas, o leitor ou leitora poderá com certeza concluir que o problema do nar-

cotráfico neste país é, em grandíssima medida, o problema dos poderes politico-económicos que nos governam, do controlo institucional em Câmaras municipais e parlamentinhos até á tirania quotidiana exercida polo caciquismo de sempre. A direita espanhola enraizada na nossa naçom nom só executa as suas directrices com absoluta desconsideaçom para com os mínimos principios democráticos legalmente consagrados de maneira tam hipócrita, como também medra, desenvolve-se e procura os seus apoios num terreno avesso e oculto á olhada dos demais: o da economia ilegal e a grande delinqüência organizada -essa que Aznar, ao contrario do que pretende fazer com o pequeno ladrom, nom quer "varrer da rua". A reportagem apresentada fala por si só e define, sem necessidade de mais palavras, a orientaçom e perfidia de quem consagra a sua politica a defender com a maior agressividade o actual enquadramento juridico-político. Um jornalista rigoroso e atrevido como o que tentamos exercitar deve e pode, com toda a humildade, desmascarar o urdimento de interesses que sustém na Galiza o espanholismo mais duro.

ERRATA

Na reportagem sobre o Opus Dei, publicada no passado número, quando assinalávamos que, dentro do grupo de membros laicos da Prelatura, "os homens e mulheres casados que som fiéis da Obra" eram os numerários, estávamos-nos a referir aos supernumerários.

Suso Sanmartin



PP ameaça explorações agrícolas familiares

■ NGZ

O governo espanhol do PP sentenciou, mediante real-decreto, o desaparecimento do Regime Especial Agrário da Segurança Social (REASS). Isto ocasionará que as pessoas que trabalham no campo deverão passar a ser autónomas ou descontar no REASS por um período transitório, até à equiparação do pagamento. Traduzido à realidade, esta medida supom a equiparação das pequenas explorações agrícolas com empresas de outros sectores, segundo fontes do Sindicato Labrego Galego (SLG), e implicará un incremento nas quotas de 66,9% nunha fase que começa no día 1 de Janeiro de 2004.

O SLG mostrou a sua oposición frontal a esta medida, exigindo como criterios inegociáveis "que as bases de desconto se calculen com base na renda real de cada exploração", já que se se implementar a reforma, "muitas pessoas deixarán de descontar por causa da imposibilidade de enfrentar as quotas".

Vaga de incêndios

■ NGZ

Só entre Junho e Julho os nossos bosques sofrêron o impacto de 34 fogos postos (incêndios intencionados) de séria consideración. Somados aos posteriores, o último cálculo feito público sobre o terreno afectado indica que o lume assolou 13.000 hectares. O presidente da coordenadora galega das Comunidades de Montes Vicinais em Mao Comum, Alfredo Pereira, acusou a Consellería do Ambiente de fatalismo pasmado por equiparar o lume a "algo inevitável como a chuva ou a neve" e exigiu políticas de prevenção.

Fontes sindicais qualificam o Plano Infoga (plano de protección florestal da Junta) como un "fracasso", dado que se mantêm, com pequenas oscilacións, a porcentagem de bosque queimado do ano anterior. A Comunidade Autónoma Galega padeceu a metade dos incêndios producidos no Estado entre 1999 e 2002. Neste sentido, a ADEGA reivindicou a "proteccion especial dos bosques autóctones mais valiosos", políticas de promoción para as novas áreas e o desenvolvemento de unha estratèxia de luta contra o lume, assente em medidas preventivas. Reclamáron também a criação de un sector industrial florestal "que aproveite os recursos dos nossos montes de forma compatível com o meio e gerando riqueza no País".

Se se conhecer o traçado definitivo, as obras já começáron em Moanha, Cangas e Bueu

Plataforma contra a Via Rápida do Morraço considera ilegal o projecto

A controvertida via rápida do Morraço está a ser construída desde o início do Verão. Dez anos de oposição cidadã impediram a execução

do projecto até agora, forçando a COTOP a apresentar quatro propostas diferentes ao longo da década de 90. Mas as obras estão em andamen-

to, inspiradas no modelo proposto inicialmente e criticadas por falta de transparência.

Redaçom

Ainda hoje, os e as habitantes do Morraço desconhecem o traçado final da via, assim como também o desconhecem as Câmaras Municipais de Moanha e Bueu, que protestam pola ocultação de información imprescindible. A estrada vai estender-se da Ponte de Rande até Aldám (18,3 km) e supom a expropriaçom de 1.040 m² de edificaçom, com base nos cálculos da velha cartografía emgrehe pola Consellería das Obras Públicas.

O projecto inicial de estrada de alta velocidade começou em 1994 e encontrou unha maieira contestaçom por parte das pessoas da comarca. Deu lugar à constituição da Plataforma contra a Via Rápida do Morraço, composta por 15 colectivos ambien-

talistas, culturais, sociais e unha comunidade de montes, entre outros. O porta-voz, Luis Pérez, considerou o projecto de via "unha aberraçom ambiental e social", que supom a "degradaçom da faixa costeira", afecta mais de vinte caminhos, altera os espaços naturais e a paisagem e "destrói 21 jazigos arqueológicos de enorme importância histórica", boa parte deles catalogados como bens de interesse cultural. Luis Pérez destacou também o impacto que já está a causar a alteraçom do regime de águas, que "provocará inundaçom em Cangas e Moanha", assegura.

A alternativa da Plataforma propom conseguir un tránsito mais fluente mediante pequenas rectificaçom no traçado da estrada C-550, com a dotaçom de passa-

gens pedonais aéreas, rotundas, passadeiras, mais faixas na estrada e, sobretudo, estradas de circunvalaçom para Cangas e Moanha, projectos aprovados "para os quais nom há dinheiro", diz Luis Pérez em alusom irónica ao avultado orçom com que conta a via rápida, que supera o montante de dez mil milhões das velhas pesetas.

O estudo de impacto ambiental realizado pola consellería carece de análise hidrológica, que "sim foi realizado pola Plataforma", afirma o porta-voz. O colectivo social considera ilegal a via rápida, entre outros factores, por estar apoiada num informe ambiental "deficiente, obsoleto e mal elaborado". Denunciáron as irregularidades perante o Tribunal Superior de Justiça da Galiza (TSJG), organismo que

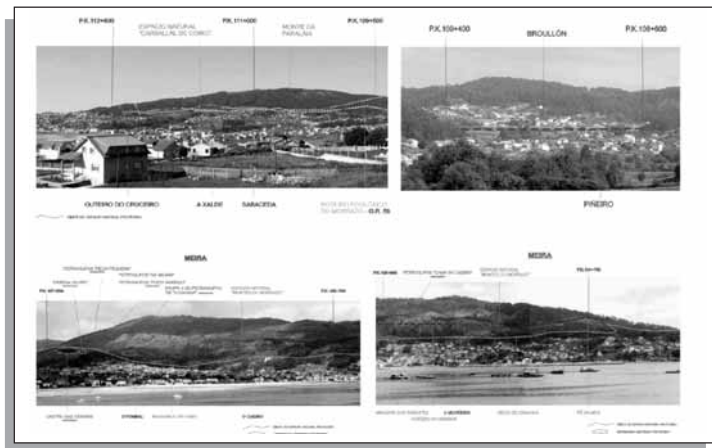
nom solicitou da COTOP a informação necessária para a demanda final "após 2 anos e com a obra iniciada, quando por lei só dispoñem de 20 días".

Neste momento a Plataforma está a pressionar o TSJG e apresenta alegaçom na Comissom e no Parlamento europeu. À espera de respostas, consideram a via rápida "unha obra ilegal desde o inicio, e portanto também deve ser interrompida desde o inicio".

Diversas fontes apontam que o obscurantismo da obra se deve a interesses vinculados com a especulaçom urbanística, especialmente em Aldám. Do Novas da Galiza continuaremos a pesquisar à volta desta questom para ofrecer información pormenorizada em próximas ediçom.

A via rápida arrassará com espaços de grande valor na península do Morraço

Fonte: Página web da Plataforma Anti-Via Rápida



Violência de género: questom de vida ou morte

Organizações feministas traballan nunha Lei Galega contra a Violência de Género

Redacción

A prevención, a segurancia e a protección son termos que ao falarmos de violencia de género estabelecen a diferenza entre a vida e a morte. Os nove primeiros meses do ano teñen sido especialmente amargos para o movemento feminista galego. Pilar de Marín, Laura em Vigo, Beatriz na Coruña, Cándida em Moaña ... son nomes de mullheres que fóron assassinadas. A cada asesinato sucede-lhe a mobilización do movemento feminista. A Marcha Mundial das Mulleres realiza concentracións de denuncia cada vez que unha muller é morta a mans da violencia machista. As organizacións feministas levam moitos anos reivindicando a necesidade de medidas de prevención, de segurancia e protección que poderiam ter evitado a morte de demasiadas mulleres na Galiza. O movemento feminista está a traballar na elaboración dunha Lei Galega contra a Violencia de Género. Unha lei que está promovida polas organizacións que formam parte da Marcha Mundial das Mulleres e que persegue a erradicación da violencia de género, tendo em conta as características propias do noso país. Trataria-se dum texto que teria que ser elaborado

com o consenso e fruto do debate conjunto do movemento feminista. A intencão é apresentá-lo através de unha iniciativa legislativa popular no Parlamento Galego. Fora das insuficientes medidas de carácter, muitas das vezes, electoralista que venhem aprovando desde o governo do Partido Popular, evidencia-se, cada vez mais claramente, a necesidade dunha soluçom global a un problema que tem a sua raiz na sociedade patriarcal, no submetimento das mulleres, nas relaçom de poder.

O porque de unha Lei Galega contra a Violência de Género

O movemento feminista galego viu a necesidade, ante o constante aumento de mulleres assassinadas, de contemplar o problema de jeito global e multidisciplinar e nom com remendos e falsas soluçom. Trataria-se dunha Lei que, tendo em conta as limitaçom quanto a competencias que temhem a Xunta da Galiza e mais o Parlamento autonómico, optime os recursos dos que dispoim para avanzar na erradicación da violencia contra as mulleres. É unha evidencia assegurar que para a elaboraçom desta norma teria-se que contar com o debate e a apoiaçom do movemento feminista e de mulleres.



Curtas da campaña da Marcha Mundial pola Lei Galega contra a Violência de Género

Morre empregado em ALCOA de Sam Cibrao

■ NGZ

Como já se apontou no número anterior do Novas da Galiza, a segurancia em ALCOA Sam Cibrao nom está a agradar toda a gente. Neste contexto, no pasado 21 de Agosto morria un traballador auxiliar. O operário, electricista, morreu com consecuencia da explosom de un camion-cisterna que realizava operaçom de trasfega de alumina. O motivo da explosom parece ter sido o exceso de presom na bomba que realiza a trasfega da alumina dentro da seccom de electrodos.

Moradia de Fraga reconstruiu-se com fondos reservados

■ NGZ

O que fora director da Guarda Civil e da policia espanhola, o general Sáenz de Santamaría, finado há poucas semanas, reconheceu nunha entrevista televisiva emitida depois da sua morte, que Manuel Fraga "recebeu dos fondos reservados por três vezes o valor da moradia" que perdeu em 1988 nunha açom armada do EGPGC. Pola sua parte, o BNG perguntará a Fraga no Parlamento galego pola quantidade exacta que recebeu como consecuencia da destruição da sua moradia de Perbes, situada no concelho marraño de Minho. Entretanto, a Junta desmentiu que o seu presidente "tivesse recebido unha quantidade indevida" e assinalou que "Fraga tem esclarecido em numerosas ocasiom que percebeu o que lle correspondia como qualquer vltima do terrorismo". O titular do executivo galego já tinha comparado na Audiência Nacional como testemuha no julgamento sobre os fondos reservados.

Suspendem juízo contra grevista detido no 15-J

Trata-se dum militante independentista que participava num piquete em Ponte-Vedra

Na manñam do pasado dia 17 de Setembro era suspendido em Ponte-Vedra o juizo contra o militante de NOS-Unidade Popular Álvaro Franco Silva "por prescriçom das causas" de que estava acusado. Franco Silva fora agredido nuns grandes armazom por vários policiaes durante a Greve Geral de 15 de Junho de 2001, tendo que ser conduzido ao hospital com diversas lesom. O vizinho de Ponte-Vedra fora acusado naquela altura por "desordens públicas" e estava pen-

dente dum processo no Julgado número 5 desde havia mais de um ano. A suspensom do juizo esta manñá era argumentada polo juiz em base a que "tinham prescrito as faltas de que se acusa a Franco Silva, ao passarem mais de 6 meses entre a sua suposta comissom e o processo judicial". Tanto o advogado da acusaçom quanto o fiscal aderiram surprisivamente à nulidade do juizo.

O autodenominado organismo popular anti-repressivo Ceivar felicitou-se pola encerramento do processo sem qualquer tipo de sançom para o vizinho de Ponte-Vedra, mas declarou como "nulidade politica-mente interessada" o ocorrido esta manñá. Segundo Ceivar, Franco Silva fora "brutalmente agredido por vários efectivos policiaes quando participava no desenvolvemento da Greve Geral de 15 de Junho de 2001". Aponta o organismo anti-repressivo que "os agentes denegaram no seu momento o traslado de Franco Silva a dependencias sani-

tárias, apesar da evidencia do seu deteriorado estado como produto da agressom de que fora objecto". Valoriza também o organismo que, tanto o atraso na celebraçom do processo, quanto a sua conseguinte suspensom, "a que se apontaram inesperadamente o fiscal e o advogado dos agressores", obedece a intencom última do juiz de "deixar impunes" estes últimos dado o elevado número de pessoas que presenciaram a agressom policial.

tárias, apesar da evidencia do seu deteriorado estado como produto da agressom de que fora objecto". Valoriza também o organismo que, tanto o atraso na celebraçom do processo, quanto a sua conseguinte suspensom, "a que se apontaram inesperadamente o fiscal e o advogado dos agressores", obedece a intencom última do juiz de "deixar impunes" estes últimos dado o elevado número de pessoas que presenciaram a agressom policial.



Subestação eléctrica ameaça espaço protegido de Covelo

■ NGZ

A empresa eléctrica Eurovento projecta a construción de unha subestación eléctrica, unha liña de alta tensión e un parque eólico num espaço natural protegido da Serra do Suído. O colectivo ambientalista Assembleia do Suído apresentou alegacións perante a Consellería da Industria reclamando a paralización do proxecto por causa do seu impacto ambiental. De facto, a Serra do Suído é das poucas serras da montanha galega livre de instalacións eólicas. Conta con branzas, turbeiras, avifauna e unha cultura popular lobeira considerável.

Mudança climática adianta-se em várias décadas

■ NGZ

Diversas organizacións ambientalistas apuntan que a mudanza climática se está a producir de forma máis acelerada do que o inicialmente previsto, já que as temperaturas e as alteracións sofridas non se esperavam até dentro de 20 ou 30 anos. Na Federación Ecoloxista Galega (FEG) sitúan como causantes as actuais emisións de gases de efecto de estufa e informan que as centrais térmicas das Fontes e de Meirama emittiron en 2000 quince millóns de toneladas de CO₂, polo que as consideran "a maior fábrica de mudanza climática da Península".



Organizacións nacionalistas homenageiam combatentes mortos

Como já é habitual, diversas formacións políticas nacionalistas déron tributo a Moncho Reboiras no pasado día 12 de Agosto, día en que o patriota galego foi assassinado pola policía española en 1975. A UPG celebrou en horario matinal unha oferta floral no cemiterio de Imo, Concello de Dodro, onde se encontra enterrado o patriota e, á tarde, realizou unha concentración na ferrolá rua da Terra, lugar em que Moncho foi abatido pola policía española. Pola sua parte, a organización unitária da esquerda independentista, NOS-Unidade Popular, home-

nageou Reboiras num acto celebrado na mesma rua ferrolá, que consistiu numha oferta floral e num comicio, sob a legenda "Por unha Galiza Livre, a luita continua". A Frente Popular Galega também lembrou o mártir, numha concentración no cemiterio de Imo, sob a legenda "Paremos o fascismo. A luita continua!".

No pasado día 17 de Agosto e com motivo do Día da Galiza Mártir, numerosos actos fóron organizados ao longo de todo o País. Em Poio, realizou-se unha oferta floral no monumento a Alexandre Bóveda que se encontra na Caieira, em que

tomáron parte, além de significados políticos e políticas do BNG, os presidentes das fundacións Bóveda e Castelo. Aínda, estivo presente Amália, filla do insigne nacionalista. Outras localidades da Galiza como Ponte Vedra, Oleiros ou Ponte Areas também recordáron a figura de Bóveda com diferentes actos. Na véspera deste día tam significativo, Galiza Nova da Corunha lembrou Pedro Galán Calvete no Campo da Rata, lugar onde durante a Guerra Civil os facciosos fusiláron moitos e moitas patriotas e antifascistas. Este destacado membro da Mocidade Gale-

guista da cidade herculina foi assassinado aos dezasete anos de idade.

A homenagem a Bóveda e Reboiras unirá-se á dos militantes do EPGG Lola Castro e José Vilar nos actos do Día da Galiza Combatente que a esquerda independentista, através de NOS-UP, convoca para os días 10 e 11 de Outubro. Ás oito da tarde da sexta-feira a organización realizará unha oferta floral no cemiterio de Meirás, onde está enterrada a guerrilheira, e no sábado ás 13:00 horas terá lugar na Rua da Terra de Ferrol o acto político central da comemoração.

A AMI denuncia especulación e reivindicación à vivenda

"Aluga-se vivenda com vistas à asfixia económica, preço desorbitado, condicións deploráveis, dificultades de pagamento incluídas, e negocio garantido (para propietarios e inmobiliarias)". O cartaz encontra-se colado acorom de numerosas ofertas de aluguer, mas os telefones de contacto que figuran como responsáveis desta

son os do PP, PSOE, o conselleiro Alberto Núñez Feijoo, e algunhas das principais promotoras e inmobiliarias do país, como FADESA ou San José. Trata-se do chamativo anúncio com que a AMI procura denunciar a especulación inmobiliaria e reivindicar o direito à vivenda digna para a mocidade.



PERIODICIDADE: CUADRIMESTRAL

MURGUA, REVISTA GALEGA DE HISTORIA



20 € ao ano

*Presentación na Galería das Letras-FESTIVAL '03 ás 21:00hrs

Subscribe-te!

Envia-nos os teus dados e enviámos-che o boletim de subscriçom

Nome e apelidos

TIF

Endereço

Povoaçom

C.P.

Investigaçom

E-mail

Fontes

Leituras

Entrevistas

Museus e arquivos

Internet



www.revistamurgula.com

Asociación Galega de Historiadores (GAH)

reportagem

Mariano Rajoy reunia-se com "capos" sendo presidente do Partido em Ponte Vedra

Partido Popular recebeu centos de milhões de pesetas de narcotraficantes e contrabandistas

O Partido Popular recebeu para o tesouro do partido uma quantidade próxima dos mil milhões de pesetas procedentes dos donativos que narcotraficantes e contrabandistas da Galiza fizeram durante anos. Alguns destes contribuintes foram personagens sobejamente conhecidos como Vicente Otero "Terito", José Ramón Barral "Nené", Luis Falcón "Falconetti", José Manuel Prado Bugallo

"Sito Miñanco", Manuel Ferrazo, Marcial Dorado, Manuel Carballo Jueguen, Manuel Nieto ou José Luis Vilela. Ainda que as operações venham de antigo - desde a Aliança Popular de Manuel Fraga -, o PP de Mariano Rajoy continua a fazer vista grossa ao caso e permite que alguns destes "capos" utilizem mesmo as instituições públicas para branquear o dinheiro.

As detenções de Pablo Vioque e José Ramón Barral, "Nené", entre Maio e Junho de 2001, pugérom em evidência que os negócios sujos e a corrupção política cam de mão dada na Galiza. "Nené" nom foi o único cargo público do Partido Popular vinculado a assuntos de tabaco ou de drogas. Assim, Alfredo Bea Gondar, ex-presidente da câmara municipal de Ogroge polos "populares", foi processado pola sua participação em operações de milhares de quilos de cocaína junto ao advogado Pablo Vioque e outros narcotraficantes. Outro exemplo é Luis Vilas Jueguen, que foi vice-presidente da Câmara polo PP em Vila García de Arouxa.

A revista de investigação e denúncia social KALEGORRIA recolheu em diversas reportagens sobre o mundo do contrabando e o narcotráfico na Galiza que o cessado presidente da Câmara da localidade de Ribadúmia no Salnés, "Nené" Barral, foi um dos angariadores mais eficientes de dinheiro para os "populares" galegos. Ainda nom há muito, angariou entre tabaqueiros e narcotraficantes mais de 500 milhões de pesetas para o PP. Em contrapartida, "Nené", grande valedor e antigo sócio do presidente da Deputación de Ponte Vedra e do PP nesta provincia,



O PP recebeu unha quantidade próxima dos mil milhões de pesetas procedentes de narcotraficantes e contrabandistas

cujos titulares eram pessoas próximas do narcotraficante Baltasar Mouta Piñeiro. Mouta estivo asociado com "Nené" em negócios de tabaco, da mesma maneira que o narcotraficante Manuel Carballo Jueguen. A citada sociedade chegou a obter receitas por decenas e decenas de milhões de pesetas com débito em câmaras municipais das Rias Baixas, e estas, por sua vez, com débito na Deputación pontevedresa, por unhas tarefas que, jamais levou a cabo. Al nom acabavam as vantaxes de tal relación para ambas partes. Muitas das sociedades montadas nos polígonos industriais de Ribadúmia e Cambados foram financiadas com dinheiro procedente de operações ilegais.

Muitas das sociedades montadas nos polígonos industriais de Ribadúmia e Cambados financiáram-se com dinheiro procedente de operações ilegais

que organismos públicos admitem com válidas facturas por traballos nunca realizados. Exemplo disto é unha empresa

De continuo a presidente da Deputación José Ramón Barral é un histórico do PP em Ponte Vedra. De facto, o actual presidente da Deputación desta provincia, Rafael Louzán, nom era mais do que un subordinado dele. Louzán começou a trabalhar como continuo na câmara municipal de Ribadúmia sob o mandato de "Nené". Logo chegou a vereador e vice-presidente da Câmara. No ano 2000 alcançou a presidencia provincial do partido, cargo em que substituiu Xosé Cuiña. Na actualidade exerce como presidente da Deputación de Ponte Vedra. Ambos possuíam interesses comuns em diversas empresas. No ano 2001, o Partido Socialista da Galiza solicitou o comparecimento de Louzán Abal na Deputación provincial de Ponte Vedra para que explicasse "os seus vinculos mercantis com a sociedade Limvial S.L., firma relacionada com José Ramón Barral". Esta sociedade estava administrada polo irmao de "Nené", que na altura era presi-

dente do PP de Ribadúmia, Feliciano Barral, que tamén foi relacionado com o contrabando de tabaco. O comparecimento de Louzán nom se produziu devido á negativa do PP, que tinha a maioría nesta institución. Outro exemplo da vinculación empresarial entre eles foi a Automoción Villagarcía S.A. Esta empresa, criada entre "Nené" e Vicente Otero Pérez, al c u n h a d o "Terito" -um dos pioneiros do contrabando de tabaco na Ria de Arouxa- tivo Rafael Louzán como administrador e conselheiro entre os anos 1993 e 1995. "Terito", já falecido, foi militante de honra da desaparecida Alianza Popular, que o condecorou com a

"Terito" em Cambados, "Nené" em Ribadúmia e Vioque em Vila García de Arouxa eram referentes do PP. Reuniam-se em Ponte Vedra com Rajoy

insignia de ouro e brilhantes do partido, galardom que tamén recebeu José Ramón Prado Bugallo, "Sito Miñanco", outro dos históricos do narcotraficante. "Terito" foi durante anos o referente "popular" em Cambados, da mesma maneira que em Ribadúmia o foi "Nené" e Pablo Vioque em Vila García de Arouxa. Todos eles se reuniam com assiduidade em Ponte Vedra com o entom presidente do partido desta provincia, Mariano Rajoy.

Detido polo SVA Apesar dos tam firmes apoios que José Ramón Barral contava no partido e mesmo com a protección do próprio Manuel Fraga, "Nené" nom pôdo subtrair-se ás guerras subterráneas entre as diferentes familias do PP, sendo detido a 15 de Maio de 2001 polo Serviço de Vigilancia Alfandegária (SVA) ao lado do seu irmao Feliciano e outras quatro pessoas. Os funcionários de Alfândegas localizaron 430.000 maços de tabaco "ruivo", valorados em mais de 990.000 euros, escondidos entre tábuas de madeira no interior dos contentores que transportava un navio que atracou no cais vigués de Guixar.

Posteriormente, foram detidas outras duas pessoas em València pola sua implicación no caso. A detenção de "Nené" foi possível graças a unha denuncia anónima que dirigiu a investigação policial para ele. Paradoxalmente, foi preso de forma inesperada logo depois da

conclusom das investigaçoms, quando se dedicava ao negcicio de contrabando de tabaco de forma pblica e notria desde 1970. Som muitos os que quicgrom ver por atrs da repentina queda em desgraça do ex-presidente da cmara de Ribadunia a longa mo do secretrio geral do PP da Galiza e polica espanhol em licenca, Jesu Palmou. Outros, polo contrrio, apontam a possibilidade de o prprio Louzan ter atraicido o seu mentor, o que explicaria a sua actual inimizade.

Tambm Vioque

Tampoco transcendrom por enquanto a opinim pblica as chaves para conhecer quem est por trs da perda da impunidade do advogado estremenho que mora desde o ano 1977 em Vila Garcia de Aroua, Pablo Vioque, outrora presidente da Cmara de Comrcio de Vila Garcia e actualmente em prisom por trflico de cocaina.

Intimo amigo dos mais conheci-

dos narcotraficantes e tabaqueiros, Vioque tem comido com Manuel Fraga em mais de umha ocasio no Parador de Cambados. Naquelas datas era freqente que estivessem acompanhados a mesa por tam ilustres comensais e sobejamente conhecidos como Luis Falcn, "Falconetti", ou Vicente Otero Pzrez, "Terito", scio habitual em todo o tipo de negcios do narcodelator Manuel Carballo Juegum, outro dos ilustres financiadores do PP. Todos e cada um dos comensais tenhen contribuido em mais de umha ocasio com quantidades acima dos 50 milhons de pesetas para os "populares".

Outros lugares habituais de encontro de Manuel Fraga com os narcocontrabandistas eram os bares-restaurantes "Santos", "Benito Calteiro", "La Sirena" e "Alumina", na localidade pontevedresa de Vila Nova de Aroua. Pablo Vioque tivo desde o incio muito tacto para medir entre os seus clientes narcocontrabandis-

tas e os "populares". De facto, foi ele o que preparou no ano 1984 as entrevistas que por duas vezes mantiveram o que naquela altura era presidente "popular" da Junta Xerardo Fernndez Albor acompanhado por quinze altos cargos do governo autonmico com vrios tabaqueiros refugiados em Portugal depois de que o novo executivo do PSOE pugesse prezo s suas cabeas. Os dous encontros celebraram-se nos hotis "Adegas" e "Monte Faro", prximos de Valena do Minho. Os "exilados" solicitarom do presidente galego que intercedesse por eles perante Madrid. Alm de Albor, Vioque e a longa lista de funcionrios autonmicos, tambm estiverom presentes por parte da Junta o vice-presidente Xos Luis Barreiro e o seu segundo, Alejandro Lpez Lamela. Alguns dos tabaqueiros que se encontraram com Albor fõrom Jos Manuel Ferrazo, Marcial Dorado Baulde, Manuel Nieto e Jos Luis Vilela, experto em evadir divisas para a Suia.



Manuel Fraga reunio-se com narcocontrabandistas em Vila Nova de Aroua

Arqu

Militante do PP responsvel polo contrabando de umha tonelada de cocaina

Outro dos integrantes do Partido Popular que KALEGORRIA menciona nos seus trabalhos de investigao sobre o narcotrffico na Galiza é Ramn Longa Vidal, militante do PP em Vila Garcia de Aroua, foi detido o dia 5 de Janeiro do ano passado

Longa Vidal foi detido o ano pasado por ter participado no contrabando de mil quilos de coca interceptados em Portugal

Os mil quilos de cocaina fõrom descobertos no porto de Leixões, em Portugal. A droga estava oculta no interior de um contentor que transportava um navio que tinha partido do Brasil e que

antes de chegar a Portugal jã fizera escala na localidade gaditana de Algeciras.

A organizao de Longa Vidal contratou um camiõ que partiu de Portugal com o intuito de distrair a Policia espanhola. Agentes da Udyco, Unidade Contra a Droga e o Crime

Organizado, interceptaram o veiculo no municipio vigués de Mós. Ao se aperceberem de que nom transportava droga, a unidade especial da Policia espanhola alertou a sua homóloga portuguesa. Este corpo encontrou a carga no interior de umhas pranchas de madeira depositadas num dos contentores do navio atracado

em Leixões.

O militante do PP foi preso em Carrii junto com Vicente Berride Caamaño e um filho deste último, por o qual o juiz Del Olmo decretou liberdade sem fiança. O resto dos narcotraficantes da



Agentes de Policia espanhola venderom a narcotraficantes galegos vrios centos de quilos da cocaina interceptada em Irun

organizao fõrom detidos em Vigo e Ourense. Berride Caamaño era patrom do iate de luxo "Crazy Mary" quando o Servico de Vigilancia Aliandegria (SVA) lhe confiscou no ano 1996 mais de 5.000 quilos de haxixe na costa de Chipiona, na provincia de Cádiz.

Tambm coca de Irun

Ramón Longa Vidal participou com o conhecido narcotraficante galego José Paz Carballo numa reunim para comprar parte da

tonelada de cocaina que agentes da Policia espanhola decomissaron numha lota da rua Pello Bixente de Irun no dia 7 de Maio de 1997. Agentes deste corpo venderom aos narcotraficantes galegos José Antonio "Tucho" Oubiña e Plácido Vázquez Vázquez vrios centos de quilos da cocaina interceptada naquela data em Irun. Estes, por sua vez, venderom-na a Paz Carballo. Os termos da operao fechãrom-se no transcurso de umha comida no restaurante "O Lagar" da locali-

dade pontevedresa de Vila Joán e o preço acordado foi de cinco milhons de pesetas por quilo.

Longa Vidal jã tinha sido condenado no ano 1990 a dous anos de cárcere e dez milhons de pesetas de multa no julgamento da "Operao Nécora". O seu irmao, José Longa Vidal, também foi interrogado polo juiz Baltasar Garzón, instrutor do sumário, pola sua presunta relao com umha rede de narcotrffico e branqueamento de dinheiro.

Grandes bancos, amigos dos narcotraficantes galegos

No transcurso do julgamento que tivo lugar como consecuencia da chamada "Operación Nécora", varios altos directivos do Banco Bilbao Vizcaya (BBV) -actualmente BBVA após a fusión con Argentaria- chegaron a sentar-se durante varios meses no banco dos réus.

Este caso, instruído por Garzón, acabou por absolver a maior parte dos principais "capos" galegos do narcotráfico, por causa da deficiente investigación do magistrado. Na altura, os arguidos fórono o director, o subdirector e os representantes do principal banco bancario que naquele momento tinha o BBV em Vila García de Arouxa. Apesar

de que o pedido fiscal inicial para cada un deles era de nove anos de prisión, sorprendentemente, no último momento, a acusación pública retirou as incriminacións en contra dos arguidos. Segundo se soubo entón, os directivos locais do BBV fízeron chegar até aos

seus superiores a súa recusa a sofrer unha condena, já que eles non eran nada mais do que o degrau inferior de unha corrente em que se encontravam envolvidos os seus chefes, incluída a sección estatal do próprio banco.

O que se demostrou no julgamento é que durante muito tempo até 18 narcos da Ria de Arouxa estiveram a branquear no BBV milhares de millóns de pesetas, non só con total impunidade, mas con a complacencia e colaboración da entidade financeira. Já com anterioridade, o Banco Santander

Representantes do BBV e do Santander fórono condenados por tribunais mexicanos. O caso foi manchete de primeira página nos media sul-americanos. No Estado espanhol nada se soubo

3.500 millóns de pesetas por uns até entón desconhecidos hoteleiros, os irmáns Fernández Espina. Estes, conhecidos polas súas conexións con narcotraficantes sul-americanos, tornáronse nun dos melhores clientes do banco dos Botín. Posteriores investigacións jor-



18 narcos da Ria de Arouxa branquearon no BBV milhares de millóns de pesetas

nalísticas permitiron establecer as boas relacións, mesmo comerciais, dos Fernández Espina con empresarios e políticos da Coruña, inclusive con o presidente da Cámara Francisco Vázquez. Outras investigacións permitiron vender que os Fernández Espina tinham vários oficiais da Guardia Civil assalariados, entre eles un general, além de um director geral do Património do Estado. O Banco Santander e o BBV

apareceriam envolvidos tempo depois no maior escândalo de branqueamento internacional de dinheiro, a chamada "Operación Casablanca" promovida polas autoridades estado-unidenses. Junto a estes dous bancos, apareceriam também envolvidas outras entidades financeiras sul-americanas. Todas elas participárono no maior escândalo internacional do narcotráfico e branqueamento de dinheiro, por um importe de centos de milhares de mil-

hões de pesetas. Os representantes do BBV, Santander e três entidades creditícias sul-americanas fórono condenados por tribunais mexicanos a elevadas penas. O tema foi manchete nos principais jornais, rádios e televisions em vários países da América do Sul. No Estado Espanhol o tema foi oculto polos media, non é por acaso que o BBVA e o BSCH controlam dous terços de tudo o que se vê, lê, e ouve em television, imprensa e rádio.



www.novasgz.com | novasgz@novasgz.com | Telefone: 639 146 523

novas da galiza

Preenche este impresso com os teus dados pessoais e envia-o a NOVAS DA GALIZA, Caixa dos Correios 1069 (C.P. 27080) de Lugo

Ano = 12 números = 20 Assinante Colaborador = 30

Nome e Apellidos Telefone

Endereço C.P.

Localidade E-mail

Nº Conta

Junto cheque polo importe à ordem de Minho Média S.L.

Assinatura

análise

Notas acerca do desemprego e da contratação

Rosa Verdugo

Através do presente trabalho pretendemos dar a conhecer a situação actual do mercado laboral galego. E para fazê-lo, vamos analisar, por uma parte, os números do desemprego da EPA e, por outra parte, as contratações registadas nas estatísticas do INEM.



A información dispoñible ratifica que os contratos a prazo están asociados a un salario menor a dos contratos efectivos.

Começamos, pois, examinando os dados do desemprego da EPA. Segundo esta fonte estatística, no segundo trimestre do ano 2003 havia na Galiza 148.700 desempregados e desempregadas. Certamente, este dado confirma que o desemprego desceu em 12.700 pessoas em relação ao trimestre anterior. Ora bem, tal e como recomenda a própria EPA, para valorar a evolución do desemprego, non se devem comparar os dados de um trimestre com os do trimestre anterior, porém, o adequado será confrontá-los com os do mesmo trimestre do ano precedente. A razão desta forma de operar é eliminar os efeitos estacionais da evolución do desemprego, como por exemplo, o conhecido efeito da redución do desemprego a consecuencia do auge da ocupación no sector serviços (e, sobretudo, nos serviços

Se compararmos o segundo trimestre de 2003 com o de 2002, veremos que na Galiza o desemprego cresce em 5.200 pessoas, quer dizer, o nosso mercado laboral evoluiu negativamente

associados ao turismo), auge que é especialmente intenso no segundo e no terceiro trimestre de cada ano. Pois bem, se confrontamos a informação do segundo trimestre de 2003 com a do segundo trimestre de 2002, temos que na Galiza há mais 5.200 desempregados e desempregadas, o que nos leva a afirmar que o nosso mercado laboral evoluiu negativamente no último ano.

A informação publicada pola EPA permite-nos conhecer quais os grupos etários mais afectados polo aumento do desemprego. Neste sentido, desde o segundo trimestre de 2002 até ao segundo trimestre do ano 2003, o desemprego reduziuse em 1.900 pessoas no colectivo de 16-19 anos e aumentou no resto, sendo especialmente significativa a evolución do grupo de 20-24 anos, que eleva o número de desempre-

O desemprego afecta sobretudo a juventude e as mulheres. O maior aumento concentra-se nas mulheres com idades entre 20 e 24 anos, com mais 2.400 desempregadas

gados e desempregadas em 4.200 pessoas. Se atendermos ao género do desemprego verifica-se que, para o período anteriormente especificado, há mais 2.700 desempregadas e mais 2.500 desempregados. Estes resultados venhem a confirmar o que já sabemos: o desemprego afecta nomeadamente dous colectivos, a juventude e as mulheres. Aliás, se cruzarmos as duas variáveis (idade e género), observamos que o maior aumento do desemprego se concentra nas mulheres com idades compreendidas entre 20 e 24 anos, com 2.400 desempregadas mais, dados ilustrativos acerca da ainda difícil inserção laboral da mulher no mercado do trabalho galego.

Finalizamos o segundo trimestre do ano 2003 com unha taxa de desemprego de 11,9%, mas com importantísimas diferenzas por género e por idade. Assim, entre os homes verifica-se unha taxa de desemprego de 7,8%, enquanto nas mulheres esta taxa se situa em 17,2%. Por idade, as maiores taxas de desemprego registam-se na faixa etária de 16-19 anos, com un valor de 28,8% (26,7% os homes e 32,7% as mulheres) e na faixa etária de 20-24 anos, com un valor de 25,0% (18,3% os homes e 33,1% as mulheres).

O crescimento do desemprego experimentado no último ano contrasta com a ascensão do número de contratos registados polas estatísticas do INEM. Assim, durante o período que vai de Janeiro a Julho do ano 2003, na Galiza assináron-se 418 mil contratos, enquanto no mesmo período do ano anterior só se efectuáron 401 mil contratações. Ora, mais do que o número de contratos, é importante conhecer as características dos mesmos e, nomeadamente, aquelas referidas à duração da relação contratual. E é neste sentido que os resultados

nom deixam lugar para o optimismo, já que, do total de contratos assinados nos sete primeiros meses do presente ano, só 17 mil tinham carácter indefinido (contratos sem termo), o que significa que 95,8% dos postos de trabalho criados nesse período som de carácter temporário (contratos a prazo). Desta forma, o aumento do número de contratos explica-se, um ano mais, polo incremento das contratações de duração determinada.

A continuación passamos a analizar as contratações realizadas durante os sete primeiros meses do ano 2003. A maioria dos contratos a prazo efectuados durante esse período enquadram-se dentro de duas modalidades: "de obra e servizo" e "eventuais por circunstancias da produción". Assim, do total de contratos a prazo assinados, 80,4% pertenciam a alguma dessas duas categorías. Se atendermos à sua duração, 39,6% dos contratos eventuais por circunstancias da produción têm unha duración inferior a un mes, 30,2% duram entre 1 e 3 meses e 26,2% entre 3 e 6 meses. E esta reducida duração dos contratos está a dificultar o acceso à cobrança de prestações por desemprego, já que, para os trabalhadores e trabalhadoras cada vez é mais difícil poder conseguir os doze meses de desonhos necessários para acceder à cobrança do subsidio de desemprego. E como resultado, diminuem as receitas dos assalariados e assalariadas menos privilegiadas, a saber, aqueles e aquelas que finalizam o seu contrato a prazo e passam a engrasrar a listagem do desemprego sem que a sua situação de desemprego lhes outorgue direito a receber algum tipo de subsidio de desemprego. A maioria dos contratos "de obra ou servizo" e dos contratos "eventuais por circunstancias da produción" som realizados com menos de 30 anos, o que nos permite afirmar que a juventude é a mais afectada pola precariedade laboral.



O mercado laboral galego caracterízase por unha elevada precariedade, sendo a juventude e as mulleres os colectivos máis afectados

De facto, 48,5% dos homes que asinaron un contrato de obra ou servizo som menos de 30 anos, enquanto nas mulleres a porcentagem é de 50,0%. No caso dos contratos "eventuais por circunstancias da produción", 56,4% dos homes e 61,1% das mulleres incluídos sob esta fórmula contratual tinham menos de 30 anos.

Se considerarmos o tipo de jornada, 19,2% do total de contratos celebrados som a tempo parcial.

Do total de contratos "de obra e servizo" 18,0% som a tempo parcial. Por género, as mulleres som as máis afectadas, já que do total de contratos "de obra ou servizo" celebrados com homens 11,4% som a tempo parcial, elevando-se a porcentagem até ao 30,2% para as mulleres. Algo similar acontece com os contratos "eventuais por circunstancias da produción", sendo 26,2% a tempo parcial. Por género, do conxunto de contratos "eventuais por circunstancias da produción" celebrados com mulleres, 38,9% som a tempo parcial, enquanto esta porcentagem só é de 15,1% para os homes. Realmente, se a jornada a tempo parcial fosse desejada polo traballador ou traballadora, esta fórmula non significaría precariedade laboral, porém, unicamente manifestaría a

preferencia do assalariado ou assalariada por un tipo de emprego que lle possibilite dispor de tempo para realizar outras actividades, como por exemplo, ampliar a sua formação, dedicar-se ao cuidado de familiares ou, simplemente, disfrutar de mais tempo de ócio. Ainda que non existam dados estatísticos que compilen esta información, tudo parece indicar que o elevado número de contratos a tempo parcial non está relacionado a com a preferéncia do traballador ou traballadora por esta modalidade de emprego. Polo contrario, reflecte a escolha da empresa de unha fórmula que, além de ter asociados menores custos laborais, possibilite ocultar jornadas a tempo inteiro com contratos a tempo parcial. Neste sentido, a elevada porcentagem de contratos a tempo parcial deve ser interpretada como mais un indicador da precariedade do mercado laboral.

À medida que os contratos a prazo van ganhando peso no conxunto da contratación vai manifestando-se com maior intensidade a dualidade no seio do proletariado, agora radicalmente dividido em dous grupos: os traballadores e traballadoras efectivos e os traballadores e traballadoras a prazo. Portanto, a contratación a prazo gera diferéncias dentro do mundo do traballo. Os traballadores e traballadoras a prazo non só perciben receitas menores do que os efectivos e efectivos como ainda têm unha maior instabilidade no seu posto de traballo. A información disponível ratifica que os contratos a prazo están asociados a un salario menor do que os contratos efectivos: segundo dados da "Distribución Salarial em Espanha" do INE, no ano 1995 os traballadores e traballadoras com

contrato a prazo ganhavam 40% menos do que os traballadores e traballadoras com contrato efectivo. Pola sua parte, salários menores significam menor poder adquisitivo e menor consumo privado, tanto em termos quantitativos como qualitativos. Fora do âmbito estritamente económico, os traballadores e traballadoras contratadas sob un regime temporário están potencialmente ameaçados polo ajustamento do quadro de

pessoal da sua empresa, facto que incrementa a sua incerteza em relação ao futuro e gera pressões psicológicas nestes traballadores e traballadoras.

Os contratos a prazo reduzem significativamente os custos laborais que suporta a empresa: por unha parte, a finalización de un contrato a prazo non está asociada a custos de despedimento e, por outra, as quotas empresariais à Segurancía Social som inferiores nessa modalidade de contratación. Desta forma, à medida que aumenta a contratación a prazo non só se produz unha redución dos custos laborais da empresa mas tamém se está a provocar un desequilíbrio financeiro nas contas do INEM: tenha-se em conta que as receitas diminuem (já que os novos contratos reduzem as quotas que pagam empresas e tra-

balhadores ou traballadoras à Segurancía Social) e as despesas aumentam (já que a finalización de un contrato a prazo é seguida pola entrada do traballador ou traballadora no desemprego, o qual eleva o número de desempregados e desempregadas e, portanto, as despesas asociadas ao pagamento de subsidios de desemprego).

Anteriormente indicávamos que o aumento da ocupação registada nos últimos anos é conseqüência do auge da contratación a prazo, precisamente a mais sensível à conjuntura económica. Como é sabido, um dos efectos do aumento do traballo temporário é a maior resposta do emprego ás mudancas cíclicas: com contratos a prazo, o emprego em expansóm é maior do que sem eles, já que o custo marginal dos traballadores e traballadoras a prazo é menor do que o custo marginal dos traballadores e traballadoras efectivos. No entanto, também é maior a queda do emprego quando a economia entra em recessom, já que se prescinde de traballadores e traballadoras a prazo que têm un menor custo de despedimento. Faise necessário,

pois, pôr em funcionamento os mecanismos adequados para evitar situacións do pasado, quando a destrución de emprego nos períodos de crise ultrapassava a criação de emprego nos períodos de auge económico, sendo o resultado unha perda líquida do volume de ocupação.

Tudo o exposto nos permite concluir que, na actualidade, o mercado laboral galego se caracteriza por unha elevada precariedade de, sendo a juventude e as mulleres os colectivos máis afectados: elevada taxa de desemprego, predomínio absoluto das contratações a prazo, reducida duração dos contratos efectivos e elevado número de contratos a tempo parcial.

■ Rosa Verdugo é economista

No fim do segundo trimestre de 2003 havia unha taxa de desemprego de 11,9%, com diferéncias por género e por idade. Há 7,8% de homes desempregados perante 17,2% de mulleres

Do total de contratos efectuados nos sete primeiros meses deste ano, só 17.000 som de carácter indefinido, isto é, 95,8% dos postos de traballo criados som de carácter temporário

reportagem

"...o momento estelar da nosa [de Roxerius e Borobó] relación ocorreu en Asados, preto do pazo dos Torrados, un ano daqueles. Cando fun con il, e con Domingo García Sabell e Maximino Rodríguez Buján, abrir a habitación do seu curmán Manoel-António, pechada pola nai diste dando o momento día do enterro do poeta!"

Borobó: "O inxel curmán de Manoel Antonio" em "Roxerius: Pedagogo Galeguista"
(Caderninho interior d'A Nosa Terra nº 816, 5 de Fevereiro de 1998)

BOROBÓ

O SEQÜESTRADOR ARREPENDIDO

No passado dia 28 de Agosto falecia em Compostela Raimundo García Dominguez "Borobó" aos 87 anos de idade. Pouco antes, no dia 5 de Agosto já falecera na Corunha, com 93 anos, Domingo García-Sabell.

No mesmo mês de Agosto de 2003 deixaram-nos dois dos quatro autores do "sequestro mais longo de todos os tempos". Roxélio Pérez González "Roxerius", "o inxel curmao de M-A", já morrera em 1963.

Suso Sanmartín

Máximo Rodríguez Buján "Máximo Sar" (Padrom, 18-10-1922) é pois o único sobrevivente dos quatro autores do sequestro de Manoel-António e o único que ainda poderia dizer-nos o que aconteceu exactamen-

te na manhã daquele "fatídico Domingo 15 de Abril de 1956". O próprio Borobó - numa conversa que sobre o assunto mantivemos com ele, no dia 3 de Abril de 2002, em Compostela-assinava Máximo Sar como a testemunha mais fidedigna. O Borobó dizia "ter muitas coisas na cabeça", lamentando-se de

ter cometido erros na reconstrução publicada de uns factos dos quais, passados tantos anos e apesar da sua impressionante memória, já não se lembrava com clareza.

Parafraseando o Borobó, e sempre com Manoel-António no

fundo, poderíamos dizer que o momento estelar da nossa relação com ele ocorreu em Rianxo, 28 de Janeiro de 2000 (suposto septuagésimo aniversário da morte de Manoel-António), onde por aquelas datas (do 25 ao 29 de Janeiro) estavam a celebrar-se umas Jornadas de Estudo dedicadas a Castelao que contavam com a presença do mestre.

**Máximo Buján
é o único
sobrevivente dos
sequestradores,
o único
que poderia
dizer-nos
exactamente o
que aconteceu**

Dizemos "suposto septuagésimo aniversário da seu falecimento" e dizemos bem. Já o dizíamos nos cartazes com que naquela altura empapeláramos Rianxo e ainda nos panfletos que repartimos em mão, Paço de Viturro (sede das

Jornadas) inclusive. Um daqueles panfletos caiu, por acaso, nas mãos do Borobó, tal e como ele mesmo no-lo contou no seu "Anaco" intitulado "O Secuestro de Manoel-António", publicado no nº 921 d'A NOSA TERRA, no dia 10 de Fevereiro de 2000:



Manoel-António está a sofrer o sequestro mais longo de todos os tempos

Borobó, por Suso Sanmartín


A ESMORGA
REVISTA PEQUENA DA REVISTA GALEGA

RENOVAÇÃO
COMUNICACIÓN GALEGA
DA CULTURA
embgalega@hotmail.com
monchodefidalgo@terra.es

LOCAL SOCIAL
REVOLTA
Rua Real, 32
Apdo. 287 - 36200 VIGO

CASA DAS CRECHAS

Via Saera, 5-15704 Compostela
info@casadascrechas.com

ARTÁBRIA

Rua Madalena, 31
C.P. 15402 Ferrol
GALIZA

"Sorprendeume ledamente a lectura dunha folia amarela que se repartiu durante o Congreso de Castela celebrado en Rianxo. Asinada pola Coordinadora Cachimbo pola Paz (a cachimba, sen dúbida, perdida do poeta De catro a catro) dita folia informaba de que Manuel Antonio non morreu en Assados, no 1930, senón que foi secuestrado no "sequestro mais longo de todos os tempos, que dura já a frioleira de 44 anos".

Efectivamente, ao contrario do que todo o mundo cre e/ou nos quer fazer crer, M-A não morreu, nem em Assados (Rianxo) em 1930 (como se reza na sua falsificada certidão de óbito) vítima da tuberculose, nem dez anos depois em França, em 1940 (como afirma Xesús González Gómez, sob o pseudónimo de Ramón Posada, em "Ucronia") vítima dos nazistas. M-A está vivo, como Elvis Presley.

Passaram já três anos desde então e, apesar de todos os esforços da sociedade civil, ainda não se lhe pôs fim a esta vergonha que dura já a bagatela de 47 anos.

Para dar cabo desta vergonha é que nasceu a Coordinadora Cidadá "Cachimbo pola Paz" que, com aquela "folia amarela" e sob o lema de "Basta Já! Manuel António a casa!", convocava à cidadania toda à primeira das concentrações que, para exigir a sua imediata libertação, teve lugar na sexta-feira 28 de Janeiro, ás 20:00 horas perante a casa natal do poeta, sita na rianxeira Rua de Baixo e que continuariam a celebrar-se semanalmente no mesmo sitio, à mesma hora, até que Domingo García-Sabell não pusesse em liberdade incondicional o autor de "De Catro a Catro".

À nossa convocatória acudiu o mesmíssimo Borobó em pessoa, tal e como no-lo contou - embora cometendo um pequeno lapso, quanto à efeméride em questão, impróprio da sua prodigiosa memória- no final do seu citado "Anaco" d'ANT: "...ocorreu-se dar a cara en Rianxo, no nome exacta que se cumpria o centenario do nacemento do seu grande poeta, pra explicarlle á Coordinadora Cachimbo pola Paz e demais compañeiros, a actuación -naquel polémico secuestro da obra inédita do adail da vangarda galega- dos tres malvados captors que acompañaron nise día de autos ao autor de Manuel-Antonio, o aparecido: o

inesquecibel Roxerius, Máximo Sar e Borobó, alias Borobó. Quem quedou mais ledo aínda, pola boa acollida que tivo a sua explicación".

A Helena Vilar Janeiro também esteve ali, como muitas outras personalidades que naquelas datas se davam cita em Rianxo com motivo das Jornadas de Estudo dedicadas a Castela, escrevendo dali a uns dias, no dia 4 de Fevereiro de 2000, no EL C O R R E O G A L L E G O :

"Ofrecian [a mocidade rianxeira] lazadas brancas para pedir a liberación de Manuel Antonio e explicaban este caso, con humor, en lellias [postaldesde] O curioso é que un dos secuestradores, o mestre Borobó, puxo a lazada branca e expuxo a súa versión dos feitos tras da pancarta, agrimosamente flanqueado polos acusadores. Non sei se foi mais fermosa a rebeldía dos nosos para denunciar o que consideravamos unha manipulación do poeta de Assados ou a lúcida madurez do entrañable erudito para afrontar a

afouteza. Do que dou fe é de que a concentración acabou en aplausos mutuos e de que Borobó levou a posta aquela lazada branca o tempo que quedaba de congreso".

Quatro dias mais tarde, no dia 8 de Fevereiro, também em ECG, M a n u e l Dourado Deira, num seu artigo intitulado "Denuncia dun secuestro sen sangue nin horror" dizia que "Borobó tivo noticia do acto daquela mesma tarde no Congreso, e adoptou a inteligentísima actitude, propia da súa enciclopédica sabedoría, de se presentar na Rúa de Abaixo de Rianxo, para escoita-la acusación e darlle a correspondente

resposta pública narrando a súa versión dos feitos ocorridos en Abril de 1956. Vários amigos asistentes ao Congreso acompañamos a Borobó, e podo dar fe, como xa anticipou Helena co, de que ali non houbo mais ca moita cordialidade e desexos de paz simbolizados por unha lazada branca

ca que os xuvenís denunciante prendian no peito (do lado do corazón) dos asistentes que o desexarían".

Com este artigo Dourado dava réplica pública a un escandalizado Máximo Sar que, poldera imprensa do Gesto de

"C a c h i m b o pola Paz", rati-ficava a súa auto-inculpatória declaración inicial de "Tras las huellas de Manuel Antonio" (feita en LA NOCHE, o 21 de Abril de 1956, poucos dias depois de perpetrado o sequestro) no seu artigo intitulado "Yo ayudé a "secuestrar" a Manuel Antonio" (ECG, 06-02-00).

Assim mesmo foi: Borobó, com 83 anos de idade, sem importarse o mais mínimo de perder o

ómbus que a organização do Congresso de Castela pusera para palestras e a risco de que lhe partissem a cara, esteve ali "dando" a mesma, já nem tanto para defender a sua própria inocência como o bom nome do "Roxerius". Sirvam estas torpes linhas como homenagem póstuma a Dom Raimundo García Domínguez, "Borobó", o sequestrador arrependido, que era e sempre será para nós Presidente de Honra do "Cachimbo pola Paz."

Pola Coordinadora Cidadá "Cachimbo pola Paz", Suso Sanmartín

**Manolo Antonio
nom morreu em
Assados, em 1930.
Foi retido no
"sequestro mais
longo de todos os
tempos, que dura
já 44 anos"**

**"Cachimbo pola
Paz", sob o lema
de "Basta Já!
Manolo António a
casa!" convocava
a cidadania toda à
primeira das
concentrações
para exigir a sua
libertação"**

**Manolo-António,
García-Sabell e
Barrié de la Maza**

"Encol da obra pantasma de Manuel Antonio: Alénda). E dirá algún, de pantasma nada, que é real e ben real. Pois máis pantasma aínda, pensando por esas bibliotecas. ¿A de García-Sabell? ¿Ou xa anda pola de Fundación Barrié? (...) "Sabell, moi enfermo, vendeu hai pouco a súa biblioteca á Fundación Barrié de la Maza, privada. ¿Trán alí os papeis de Manuel Antonio? ¿Sarrán á fin á luz?"

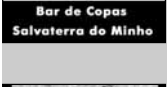
"Encol da obra pantasma de Manuel Antonio: Alénda)". (Reportagem assinada por Miguel López Calzada e publicada em www.vieiros.com na quarta-feira, 12 de julho de 2000 com motivo do centenario de M.A.).

"Aproveitando a expectativa que se ten levantado por este motivo [46º aniversario do sequestro de M-A], foise facendo máis insistente un malintencionado rumor segundo o cal xa se tería producido a liberación do que de sequestro xa se convertera no secuestro máis longo da historia do Estado Español. De confirmarse esta nova, os manuscritos e textos inéditos do Poeta do Mar estarían baixo custodia da Fundación Barrié de la Maza, que os tería adquirido previo pago de un substancioso resgate ao insigne bibliófilo Domingo García-Sabell".

"Últimas novas sobre o sequestro de Manuel Antonio" (Carta de Miguel Anxo Fendado [Bogadano] publicada en A Nosa Terra Nº 1.032 (Do 2 ao 8 de Maio de 2002) págs. 6-7.

"A Fundación Barrié de la Maza que quero manifestar, en relación coa carta aparecida en A Nosa Terra o pasado 3 de maio, Últimas novas sobre o secuestro de Manuel Antonio, que non posúe ningún tipo de documentación persoal, manuscritos, textos inéditos, etc do ilustre poeta de Rianxo. A Biblioteca de D. Domingo García-Sabell, da que a Fundación Pedro Barrié de la Maza é propietaria, non inclúe a devandita documentación".

"Puntualización da Fundación Barrié" (Resposta da Fundación P. Barrié de la Maza á carta do M.A. Fendado) publicada en A Nosa Terra Nº 1.034 (Do 16 ao 22 de Maio de 2002) pág. 4.



Rua da Paz 12, 28003 Ovarre, GALIZIA
Tfno. e Fax 988 730 737
www.terra.net - e-mail: ovarre@terra.net



Rua Níreas, 5
Lago



O portal da galiza en Internet



CAMBORA



ERRATA
Na reportagem sobre o Opus Dei, publicada no pasado número, como asinalávanos que, dentro do grupo de membros laicos da Prelatura, "os homens e mulheres casados que som felix da Obra" eran os numerarios, estávamos-nos a referir aos supernumerarios.

REFLEXONS DESDE A MÚSICA GALEGA

■ **David Loimil e Inácio Gomes**

Nestes últimos anos tivemos ocasión de conversar con moitos conjuntos musicais

Língua

É evidente a cantidade de portas que son fechadas ás nosas bandas para elas traballarem normalmente. Um dos obstáculos com que topam é o idioma, marginalizado dos grandes circuitos comerciais. Para Mennh@& da Rua, "cantar en galego, inclusive na propia Galiza (salvo para grupos folclórico-bravos), supom unha eiva considerável". A banda corunhesa quijo tamén assinalar "unha outra porta fechada: a temñica das letras". Olhando para diante, cremos que o futuro da música en galego está en Portugal e no noso caso mais aínda, porque Portugal é un país onde se vende muito Metal!

Podemos colocar Ugia Pedreira na vanguarda en moitos aspectos, mas un dos máis significativos é o da norma ortográfica do noso idioma que emprega Ugia apostou firmemente na grafía histórica. Para ela, "o reintegracionismo é unha realidade absoluta que já ganhou milhas batallas. Para onde quer que olhes encontros reintegracionismo, na música, na literatura, na escultura, nas aulas... é un movemento que non pode parar". No entanto, non deixa de reconecer que "há muitas lacunas dentro da música e tudo está por construír, isto é un caminho de amor-ódio, ás veces frustrante e ás veces esperanzador. Por exemplo, em lugares como a Bretaña onde temos centros de documentaçon musical, onde os músicos e as músicas son acarinadas e respeitadas, com discográficas que funcionan, mao-de-obra especializada... non temos, em troca, unha situaçon lingüística muito estimulante. Creio que tudo está por chegar, mesmo a permeabilidade nesta questom".

Mais cépticos a este respeito se mostráron os Non Residentz. Para a banda de hip-hop a barreira principal non é a idiomática: "non interessa, nem a lingua nem os mercados, a questom é a boa música e a boa distribuiçom. Aquí tampaço podemos comprar discos brasileiros que som exóticos lá".

Cena musical galega

Muito se tem falado ao redor da "indústria musical galega", ou mais bem, infelizmente, da inexistência de unha industria musical autóctone no noso país, a diferença do que acontece noutras latitudes, por

exemplo com o que representam Metak (Euskal Herria), Gridalo Forte (Idiia...), Diskatoacem reconhecem imediatamente a complexidade do tema a abordar, e começam por esclarecer a questom da indústria musical: "matizaremos que non queremos unha indústria musical mas sim infra-estrutura musical. Non precisamos de vampiros da música, o necessário som salas onde tocar, festivais onde paguem un mínimo, e sobretudo un público". Quanto ás comparaçons (Euskal Herria, Idiia...), a banda de ska-reggae percebe diferenças substanciais a respeito do contexto galego, já que "a Idiia é un país com milhões de habitantes, rádios livres com grandes audiências e numerosos centros sociais. Euskal Herria é un caso

"Non precisamos de vampiros da música. Precisamos de salas onde tocar, festivais e, sobretudo, um público"

excepcional em toda a Europa, com "gaztetxes" em cada vila, moitos conjuntos musicais, rádios... Concluindo, som lugares com movimentos sociais muito fortes e com moitos mais meios. Galiza non pode ser comparada com essas zonas mas temos que trabalhar aos poucos, primeiro tem que haver interesse por parte das pessoas e unhas condicöns mínimas para tocar e gravar, quer dizer, non é possível avançamos quando só podemos tocar em duas casas ocu-padas ou em quatro ou cinco salas". Falando já de propostas concretas, "a soluçom passa pola introduçom de grupos locais nas festas das vilas, penso que non é muito difícil pagar 100.000 ptas. a un grupo com se paga 2 milhons a Azúcar Moreno ou 1 milhomo a unha orquestra. A partir de unhas condicöns mínimas haveria decerto mais grupos e consequentemente mais discos, as rádios iam ver-se obrigadas a passar esses discos... Tudo isto anda ligado". Unha banda já diluída, Nen@s da

galegos. Com eles, trocamos impressons a respeito de diversos temas, tanto musicais como políticos, culturais, etc.

Revolta, foi especialmente crítica com o tema da indústria musical na Galiza. Na altura, há poucos anos, reconheciam que "talvez a única iniciativa interessante em moitos anos tenha sido a criaçom da Associação de Músic@s em Língua Galega (AMELGA)". As causas da "lamentável" situaçom é o "contexto, do mais árido. A Junta e as câmaras municipais gastam quantidades milionárias em projectos elitistas, mas os músicos e as músicas da base, carecem do mais

mínimo apoio. O principal problema talvez seja a impossibilidade de tocar se non é em péssimas, inaceitáveis condicöns. Aqui a responsabilidade é compartilhada por todo o mundo. Primeiro estám as câmaras municipais, que gastam dezenas de milhons com Ana Belén ou os Beach Boys, enquanto para as bandas galegas de rock (leia-se mestiçagem, hip-hop, pop, etc.) torna-se impossível aceder aos programas. Houvo quem aguardasse por alguma mudança com os movimentos de poder político; depois isto desmentiu-se. A política nacionalista neste sentido é um decalco da do PP (aí está o penoso exemplo de Vigo)". Nen@s da Revolta som especialmente críticos, tendo em conta o que dele se aguardava, com o nacionalismo maioritário. "Estám a consegui-lo; non existe, nem há indícios de que venha a existir um rock galego, quer dizer, um quadro básico de grupos, concertos, etc. Com os dedos de unha mano contam-se as bandas com mais de um disco".

A distribuidora Projecto Global é também crítica com a situaçom e o papel que nela jogam as instituições: "Non há projecto, cena, colectivo nem proposta artística que possa sustentar-se ou ter futuro no apoio institucional e qualquer projecto durará apenas o que dure o subsídio; para nós é claro, só a partir da colaboraçom, apoio e trabalho conjunto de pequenas realidades e estruturas populares será possível

A seguir, apresentamos-vos algumas destas reflexons. As bandas da Galiza tomam a palavra e posicionam-se.

alcançar unha situaçon normalizada ou pelo menos enfrentar, com um mínimo de garantias, aqueles poderes que querem silenciar a voz do nosso povo e das nossas ideias antagonistas". Com a via institucional quase descartada, ponhem como exemplo de oásis no deserto o "colectivo Expressom Sonora da Coruña que, aos poucos, com um local onde distribuem diverso material (música , roupa, livros, publicaçöns) e promovem as suas actividades constantes apoiando outros colectivos, están a dinamizar o âmbito político-cultural na sua zona. Visto isto, achase em falta que na Galiza non existam mais colectivos semelhantes noutras vilas, bairros ou cidades, em vez de apoios institucionais.

Non deveriamos esperar grande coisa destes apoios. Polo contrário, deveriamos tentar chegar nós mesmos".

Unha das poucas bandas que podemos enumerar com mais



um disco editado é Skárnio. Este conjunto, aliás, tem tocado com muita frequência no País e no estrangeiro, se bem que muitas vezes em concertos solidários, onde as despesas quase sempre superam as receitas. Eles diagnosticam a situaçom da seguinte maneira: "Na Galiza decaiu tudo bastante, pensamos que depois do boom que tive o movimento bravo, com o qual muitas bandas se viram beneficiadas, tudo foi abismo. Hoje em dia ficam muitas poucas bandas se temos em conta as que existam há um par de

anos. Muitas bandas desapareceram e muy poucas começam. Pessoalmente, acho que é um problema de consciencializaçon política, pois nós, como banda político-musical temos muitas limitaçoens e os escasos apoios que há, beneficiam mais as bandas de folk. Pensamos que é muito importante a consciencializaçon política na música".

Pagar aos grupos galegos...

Directa ou indirectamente, a questom económica situa-se num primeiro plano. Existe criatividade, mercado e sobretudo necessidades, na Galiza, mas é necessária unha infra-estrutura adequada, e também possibilidades reais para as bandas. A Matraca Perversa pom em relevo este tipo de dificuldades: "Deve ter-se em conta que um grupo musical galego gasta muito dinheiro em material. Só um exemplo, A Matraca Perversa gasta entre todo o material e instrumentos quase três milhons, e non é a brincar". Além disso, em moitos casos somos nós próprios a menoscabarmos os nossos grupos; é habitual que bandas estrangeiras sejam cabeça de cartaz em concertos ou festivais galegos, e por cima, que as bandas do País sejam as que menos recebem (quando recebem). Para os integrantes da Matraca, "como banda galega que somos, isso parece-nos muy má... Essa é a triste realidade. É verdade que alguma vez temos perdido dinheiro e nem sequer podemos cobrir a viagem, e isto non deveria acontecer. A culpa de que aconteçam estas cousas non recai sobre a organizaçom, mas nas pessoas. Este é um dos moitos problemas da situaçon musical galega; non há resposta das pessoas e mesmo há mais apoio ás bandas do Estado espanhol que à própria Terra. Devido a isto a organizaçom dos concertos dá marcha atrás no momento de contratar conjuntos galegos e as bandas desaparecem. Naturalmente, somos conscientes para non perdirmos muito dinheiro a quem non o possui, mas tampouco é bom perdermos o nosso. Apesar de tudo, temos plena consciência do que custa a certos colectivos organizar concertos e consideramos que o caché deve basear-se na assistência que junta unha banda e o nivel musical da mesma".

a entrevista | Ugia Pedreira

“Neste mundo artístico há muita aparência e isso aborrece-me profundamente”

Marta Salgueiro

Ugia Pedreira caminha na vanguarda da música tradicional galega, misturando sons com formas de entender a vida e a música, fusionando, criando e reelaborando. Depois da sua experiência com Chouteira, volta ao rego com novas propostas musicais manifestadas na supremacia estética de Eclética Ensemble e no sentimento de Marful. E, ao mesmo tempo, continua a trabalhar no ensino da música tradicional, à frente do conservatório folk de Lalim.

Que tiveram em comum Chouteira, Eclética Ensemble e Marful para além de Ugia Pedreira?

Os três projectos giram em torno à curiosidade pela música tradicional galega. É um constante processo de criação pessoal que te leva em cada momento a entender a música de umha ou de outra forma. É mesmo umha maneira de entender a vida. Em Eclética prima a improvisação e a reelaboração da música de raiz nom só galega. Em Marful construímos um mundo musical que é umha ponte entre os anos 30 e 40 (quando chegaram à Galiza os “rimos negroides” como dizem as crónicas da época) e a actualidade de quatro intérpretes musicais com múltiplas influências e preocupações.

Nestes últimos projectos trata-se de criar um lugar para saltar do cenário ao vazio e ver o que acontece nos olhos do espectador ou da espectadora.

Tens umha vida artística com muitos frentes abertos e projectos diversos. Non é difícil de conjugar? Ou será que na diversidade é onde a Ugia encontra mais satisfacões artísticas?

Os diferentes frentes andei a procurá-los, ainda que as pessoas (uma minoria com certeza) poda conhecer-me com a etiqueta de “cantante folk”, as etiquetas vam gastando-se, reciclando-se, mudando. Desde que tenho juízo estivo a criar e a compor canções sem enquadramento de estilos, umhas estão registradas com Chouteira, outras estarán com Marful, outras ficam no espectáculo de Dilki, e já estou a fazer letras e melodias para outro futuro disco e outro e outro... Quer dizer, o cantar é para mim a forma mais simples de comunicar-me, e no palco é no



meio em que me sinto mais cómoda.

És umha mulher jovem com muita experiência na música tradicional, mas também tens colaborações com muitos grupos de rock e ainda de outras tendências musicais. Se tivesses que avaliar neste momento a tua avelha musical ao País, que é o que destacarias?

Difícil pergunta! É verdade que colaborei várias vezes com o mundo do rock... gosto imenso. Mas quando mais aprendi e disfrutei foi na produción do Sr. Bombom. Um musical que fizem com Marful, Davide Otero, Cristina Domínguez, Olga Nogueira e Pablo Giráldez em 2000 e que foi representado quatro veces no País. Agora mesmo non estou à espera de mais nada que fazer o meu trabalho o melhor possível. Tento falar ao público com sinceridade. Tento non deixar atrás demasiados cadáveres e levar umha vida tranquila e clara. Neste mundo artístico há muita aparência e isso aborrece-me profundamente.

Venho de umha casa onde se cantava de jeto natural, minha mã corrigia-me algunha nota e assim

me criei, com umha voz solista com repertório de flamengo, tonada asturiana, romances e cantares galegos que luziam a voz. Em Chouteira havia um protagonismo desta forma de cantar – uma mistura entre norte e sul... Eclética vai um pouco além, dando prioridade ao acaso. Marful é o coração, a ironia das letras e a qualidade musical dos meus companheiros Marcos Teira, Pedro Pascual e Pablo Alonso. Estou a

conhecer a história musical da Galiza e é muito reveladora. Olhas atrás para ver o que fizérom outros e outras artistas nos anos 70, nos anos 50... nos anos 20 e vês que fórom muitas e muitos os que marcárom as pautas e abrírom horizontes. Eles e elas som as que me interessam tanto dentro como fora do País.

A partir do teu trabalho no conservatório, que conclusões tirarias da situação do ensino musical no País?

Ainda existem muitos conceitos dentro da música tradicional que se desconhecem, em parte por falta de formação ao respeito, por causa da inexistência de um centro de documentação musical, porque o ensino desta música está tratado pola admi-

nistração como na altura do Sindicato Vertical, porque a Galiza som individualidades que formam um conjunto.

Isto está em construíção como tudo o demais. Polo que quer que seji tocou-me a mim e a muitas outras pessoas da minha geração – que andamos por volta dos 30 anos-ventar umha casa com problemas de licenças, seguros, terreno, pouco ajuda... e ainda que o nosso ponto de referência esteja fora – na Europa verdadeira – non podemos construir umha casa que non se adapte as necessidades específicas do terreno, como tem feito a típica emigração galega. Esta nova casa non é toda de pedra já mostra, tem elementos contemporâneos e sobretudo tem que ser funcional, bonita, fácil de limpar, e grande para nela entrar muita gente.

Logo começará a pós-graduação da Universidade de Compostela sobre Música Galega, isto é muito importante para a situação do ensino desta música, já que em muitos casos continua ainda relegada a “gaitas do País” em qualquer cartaz sem gosto de qualquer festa parouqui. Logo será criada também umha associação paralela polo CMTF de Lalim, para levar a cabo produções artísticas e aproveitar todo o talento que há, umha associação para que todo o mundo interessado conheça as actividades e publicações. Para quem desejar implicar-se mais esta associação terá a funçom de colocar um placar de madeira finlandesa nesta casa.

Para onde evolui a música tradicional e para onde acreditas tu que deveria evoluir?

Os grandes arquivos de documentação musical no Leste da Europa están a regressar a maos privadas. Na Galiza ainda non saírom de maos privadas. Neste novo ano lectivo no CMTF de Lalim vamos receber um arquivo privado que vai ser estudado – pode ser um passo adiante ou atrás, conforme a perspectiva –. As pandereiteiras galegas agora já lhes é permitido fazer polifonia, nos anos 80 non lhe permitia a sua religión. Ainda bem que apareceu Lomax. Os novos alunos e alunas de gaita tenhem como “única referência” gaiteiros da década de 90, sobretudo aqueles que digitam rapidamente.

É um facto que a música tradicional e folk é um espectáculo, passou a outra fase.

A hóstias

Xan Carlos Ansia

Há diferenças que é melhor amanhá-las a paus. Antes de meter-se em jurisprudências e aparelhos do Estado, que acabam por enredar mais do que solucionar as disputas. O melhor é pôr-se farronqueiro e dirimir as discrepâncias chegando às maos.

A princípios dos anos oitenta Cuqui Fraguela, vereadora do BN-PG em Compostela e Paco Rodríguez, já daquela sendo o que hoje é, acabárom unha junta da Mesa de Forças Políticas Galegas aos puxons de cabelo, deixando de parte cenas de comissões de garantias e formalismos fastidiosos. Dava-se por finalizada unhas das mais cruentas cunhas do nacionalismo galego, por pouco mais de unha madeixa de cabelo crecho.

Non sindicalismo ainda se lembra a mordelida que lhe espetárom a Mera os do Frente Obrero de Vigo, durante as primeiras discussões sobre o tipo de organização de classe que em necessária nas fábricas. Facto respondido nas açoes punitivas de um piquete móvel que tivo o seu momento culminante em Lugo. Ali a fiorta intera acabou com pontos de sutura e vários partes de lesões por inercuamento de elementos sólidos, tipo cinzeiro. E que maior pancada que aquela que deu há anos Beiras a Camilo Nogueira, quando por meio de umha carta aberta e como final de unha série de repreensões polas alianças do camilismo com o PSOE, espetou-lhe por letra impressa: “Galiza, quando a acossam, revolta-se. Bem sei que vás já nom.”

Decantei-me polo positivo deste *modus operandi*, quando de volta de unha noite de colagem, todo o nosso trabalho foi arrancado das paredes da zona velha de Compostela. Ao voltar a desfeita decidimos convocar um comité de zona para, entre outros pontos, valormos as medidas a tomar. Enquanto se discutia se pôr o tema de nono na ordem do dia, um camarada da Terra de Trasanços já lhe tinha partido o nariz ao fulano que, um a um, fora arrancando todos os cartazes.